

NIETZSCHE E A CRÍTICA DA LÓGICA: ENTRE O SONHO E A EMBRIAGUEZ

Milena Tarzia¹

RESUMO:

O texto pretende explicitar, numa breve pincelada, de que modo Nietzsche encarava o desenvolvimento do pensamento lógico e sua utilidade. Posicionando-o como crítico da lógica e defensor das intuições, parece-nos que há, em Nietzsche, clara oposição entre o universo lógico e o universo intuitivo, razão pela qual iremos nos deter às consequências dessa oposição e à análise dos aforismos 108, 111, 112, 125 e 341 de *A Gaia Ciência*, evidenciando, desse modo, o caráter reativo do lógico que nos induz à covarde inclinação de antropomorfizar o mundo e ao aprisionamento da vida e das faculdades artísticas.

Palavras-chave: Lógica. Intuição. Criação. Vida.

ABSTRACT:

The text aims to explain, in short strokes, how Nietzsche viewed the development of logical thinking and its usefulness. Positioning it as critical of logic and defender of intuitions, it seems to us that there are, in Nietzsche, distinct opposition between logical universe and intuitive universe, why we will halt the consequences of this opposition and the analysis of aphorisms 108, 111, 112, 125, and 341 of *The Gay Science*, showing thereby the reactive nature of logical that leads us to a cowardly inclination to anthropomorphize the world and to life and artistic faculties imprisonments.

Key-words: Logic. Intuition. Creation. Life.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É sabido que em “*O Nascimento da Tragédia*”, Nietzsche, por meio de uma análise do pensamento e da cultura grega, procurou desvendar o cerne de dois instintos estéticos da natureza, a saber, o apolíneo e o dionisíaco. Através desses instintos “*o homem alcança em dois estados o sentimento de delícia em relação à existência*”²: no estado do sonho e no estado de embriaguez.

Apolo é uma divindade artística não somente porque é o deus da beleza, do brilho, da medida, do mundo onírico, das artes plásticas, da epopéia homérica, mas porque representa uma condição necessária para a existência. O impulso apolíneo é concebido pelo

¹ Mestranda em Filosofia pela PUC-SP. Graduada em Direito pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo.

² NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*, pág 05.

entendimento imediato das figuras e das formas. Acima de tudo, Apolo é o deus da aparência, da ilusão, do encobrimento, aquele que encarna o *princípio de individuação*, tão caro aos gregos.

Ocorre que o véu da aparência não encobre todo horizonte. Cedo ou tarde, o sonho acaba e o grego é atirado ao despertar. A ilusão, ainda que necessária, é chacoalhada pela desmedida dionisiaca; o princípio de individuação é rompido e homem, agora, se vê lançado num esquecimento de si, característico do jogo com a embriaguez. O subjetivo se desintegra na natureza, reconciliando homem e natureza. O homem, sob os efeitos dos impulsos dionisiacos, se dissolve no universal e, ao se apropriar artisticamente das forças plasmadoras da natureza, se torna livre para realizar a nostálgica união, a fusão entre dois mundos outrora distantes.

O estado dionisiaco se caracteriza por essa comunhão com mundo, por esse rompimento da fratura sujeito-objeto, essa harmonia que se consubstancia em razão da diluição no geral, e que se representa pelo espírito da música. Dionísio é essa grande desmedida, esse abalo asiático, essa “*essência*” por detrás do véu do mundo, que ora tende para comunhão, ora tende para a desintegração e o arrebatamento.

Passado o efeito da embriaguez, o grego recordava o mito de Sileno e sentia o terrível impulso (*Trieb*) do dionisiaco asiático, o sentido repugnante do existir, o horror de se estar vivo. Sem o véu apolíneo, o grego se entregava ao sofrimento e absurdo da existência, como que numa melodia para a morte. A tragédia, sem dilacerar, resgatava da natureza o sentido dionisiaco, impondo ao enigma terrível do mundo o caráter apolíneo da cura, da medida e da beleza.

Ao conceber esses instintos estéticos da natureza, Nietzsche tratará de dissertar sobre o parto, a morte e a ressurreição da tragédia grega. Rapidamente, podemos identificar o parto ou o nascimento do pensamento trágico quando da união das já referidas pulsões, de modo que por meio de uma força curativa natural, não se abafou nem se reprimiu o estado dionisiaco, mas transformou-se o “*horível e o absurdo da existência em representações com as quais se pudesse viver*”³: o sublime e o ridículo, em arte.

Num universo intermediário entre beleza e verdade, Apolo deu as mãos a Dionísio. Diante da reconciliação dos deuses em consonante tensão, o grego, agora, não mais se dispunha à aparência ou à verdade, mas à verossimilhança trágica. Ao tentar decifrar a fusão

³ NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisiaca do mundo*, pág 25.

desses meios artísticos em razão de uma secreta visão de mundo silênica, Nietzsche nos relata também a *trágica* morte desse pensamento mítico que buscava sobreviver artisticamente aos horrores da existência.

Segundo Nietzsche, o período de decadência da arte trágica teve início com a obra de Eurípedes. Não que ele mesmo fosse a raiz e causa da decadência; Eurípedes é aquele que melhor incorpora a crença na decadência do drama musical grego. Um grande abismo se instalava entre a tragédia e o público ateniense e, nas palavras de Nietzsche: “*Em meio à reflexão sobre essa incongruência entre a intenção poética e o seu efeito, ele chegou pouco a pouco a uma forma de arte, cuja lei principal era ‘tudo precisa ser compreensível para que possa ser entendido’*”.⁴

Essa era, para Nietzsche, a posição estética-racionalista por excelência. Nada mais precisava ser sentido: o *pathos* lentamente se despedia do cenário e a catarse, aos poucos, dava lugar à explicação. O mito, a estrutura, a música e a linguagem tinham de ser explicados, e não encenados ou sentidos. Quando o espectador da tragédia buscou calcular os sentidos da ação do personagem, deixou-se de mergulhar no sofrimento e de comungar com os heróis.

Desse modo, Nietzsche entende que Eurípedes é “*o primeiro dramaturgo que segue uma estética consciente*”⁵, ou seja, é primeiro que encarna na estética o racionalismo socrático. “*‘Tudo precisa ser consciente para ser belo’ é o princípio paralelo de Eurípedes para o socrático ‘tudo precisa ser consciente para ser bom’*”.⁶

Se foi verdade que Sócrates auxiliara Eurípedes em sua empreitada poética, não se pode confirmar. No entanto, nos interessa muito mais questionar qual era a atividade socrática que dava fim ao pensamento trágico. Parece-nos que não é outra senão o iniciar de um racionalismo cientificista. Não é por acaso que Nietzsche desabafa: “*Os fanáticos da lógica são insuportáveis como as vespas.*”⁷ A morte da tragédia deu-se precisamente com o início da criação artística consciente, por meio da transição entre o pensamento mítico e o pensamento lógico.

Com o socratismo, a imitação e a catarse deram lugar à explicação e à sistematização; o símbolo era transformado em conceito. Contra tal sabedoria mítica

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*, pág 77.

⁵ Idem, pág 80.

⁶ Idem, pág 81.

⁷ Idem, pág 83.

incomprovada Eurípides opôs a obra de arte socrática – “aquela que despreza o instinto e, com isso, a arte”.⁸

O socratismo racional imperava sobre o que considerava irracional. Para Nietzsche, Sócrates desprezava o seu próprio inconsciente, o lado instintivo do homem, porque inversamente continha um inconsciente crítico e uma consciência criativa: “*Em todas as naturezas produtivas justamente o inconsciente atua criativa e afirmativamente, enquanto a consciência se comporta crítica e dissuasivamente. Nele o instinto se torna crítico, a consciência criativa.*”⁹

Também Platão teria se rendido ao socratismo e concebido a arte como mera imitação. A esses artistas irracionais, Platão propunha o artista-filósofo: ele mesmo. Tais efeitos socráticos, considerados *inartísticos* por Nietzsche, lentamente assassinavam o pensamento trágico. Acusada de não ser uma penetração consciente na essência das coisas, a arte trágica fora repudiada e exterminada.

Como pai da lógica e líder científico, Sócrates pôe fim ao período trágico inaugurando o período racionalista, dissolvendo o drama musical grego em dialética consciente. De acordo com Nietzsche, o estopim da tragédia se deu com a considerável elevação do diálogo como elemento artístico – e tal característica precedia em muito Sócrates e Platão.

Fora por meio da teatralização dialógica do ágon, da disputa pelas palavras que se instaurou, como num Tribunal, a decadência da tragédia. Instalado o dualismo na tragédia, rompido o vínculo entre o apolíneo e o dionisíaco, o trágico dava lugar ao lógico. Ao pessimismo típico do pensamento trágico opôs-se o otimismo socrático, característico da dialética que tudo conceitua:

A consciência socrática e sua crença otimista na ligação necessária entre virtude e saber e entre felicidade e virtude (...) Todos conhecem os princípios socráticos: ‘virtude é saber: peca-se somente por ignorância. O virtuoso é o feliz.’ Nessas três formas fundamentais do otimismo repousa a morte da tragédia pessimista¹⁰.

Em razão da ética otimista socrática, a tragédia fora calada. Observamos, portanto, que há em Nietzsche séria preocupação com o triste desfecho do drama musical grego - o qual fora substituído pelo pensamento lógico - e com a supressão do instinto dionisíaco, do caráter

⁸ Idem.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*, pág 84.

¹⁰ Idem, pág 90.

irracional e sublime da existência. O pensamento trágico vangloriava-se e imperava justamente por dominar o instinto de conhecimento. A partir de Sócrates, esse instinto é explorado, separado e ressaltado, para que se consolidassem as bases de uma ciência cuja única finalidade é, à semelhança metafísica, buscar compreender a essência dos objetos e dos fenômenos mundanos.

Nessa tentativa de compreender essências, o homem se propõe não mais a criar, mas a descrever e explicar o que está diante de si. O homem deixa de se portar como um sujeito criador, e passa a se comportar unicamente como um sujeito conhecedor. Na práxis, *mythos* dá lugar a *logos*; assim surge a Filosofia: pelo desespero e pela vontade de verdade.

Ora, como compreender a crítica nietzschiana à lógica tradicional senão por meio da noção de *esquecimento*? Vejamos. Por ora, é preciso que investiguemos como Nietzsche parecia conceber as noções de conhecimento e verdade.

ESQUECIMENTO, VERDADE E CONCEITO

Entendemos, antes, que, em Nietzsche, o conhecimento não se verifica como uma faculdade neutra e desinteressada, mas como um dispositivo para o mascaramento. O conhecimento desempenharia a função vital de manter o homem na existência. Trata-se de uma prótese, de uma máscara, de um disfarce e ilusão necessários à subsistência. Da mesma forma, esse conhecimento nos induz e nos propicia uma ilusão sobre o próprio valor da existência. Atribuímos um valor excepcional à existência e ao conhecimento para que possamos viver.

Num primeiro momento, o intelecto não passaria de um meio de conservação que ludibria, dissimula o que poderia ser entendido como *verdade*. Parece-nos que Nietzsche contesta a passagem do nível sensorial para as *formas platônicas*, o que caracterizaria um *salto*. Não há uma dialética assensorial – daí o salto. Ao privilegiar a consciência, nos enganamos, porque dissimulamos o *corpo*; apagamos aquilo sem o qual não haveria sequer pensamento: o corpo, as vibrações, as vísceras. Sob a pretensão do conhecimento, nos exilamos nos domínios da consciência, trancafiando-nos e excluindo-nos do externo.

Parece-nos que há em Nietzsche certa desvalorização da consciência, e que seria por meio dos *enganos necessários* que nós conheceríamos o mundo. O saber quase que se

equivaleria ao não-saber. O *cogito* cartesiano nada poderia fundar, nada poderia saber, porque é efeito, e não, causa. Ele é resultado da soberba e do antropomorfismo exacerbados.

Esse instrumento dissimulador (consciência ou intelecto) fora lentamente transformado, pela História, numa espécie de *garantidor da verdade*, símbolo da validade universal. Entretanto, se analisarmos o parágrafo primeiro de *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*, perceberemos como os procedimentos e métodos da lógica tradicional são também, para Nietzsche, dissimuladores e ocultadores: “*Acreditamos possuir algum saber sobre as coisas propriamente, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas não temos, entretanto, aí mais do que metáforas das coisas, as quais não correspondem absolutamente às entidades originais.*”¹¹

Concebendo a *verdade* como uma produção, Nietzsche nos revela a origem prosaica e humana, demasiadamente humana da *verdade*. É por meio da formação dos conceitos que conseguimos destacar esse ocultamento do que é distintivo, esse encobrimento da multiplicidade e da contingência. Tais operações de ocultamento é que foram responsáveis pela *neutralização, historização, atemporização e universalidade da verdade*. A *verdade* só se apresenta como tal porque sua origem sensível fora desgastada, borrada, apagada, usada.

O *conceito*, ao se render ao antropomorfismo e ao apagar sua origem sensível, metafórica, esquivou-se nas sucessões de transposições e no uso. O que caracteriza o *conceito* é a desconsideração do que é individual. A omissão do real e do particular é que nos daria o *conceito*, e é por meio do esquecimento do que é distintivo, ou seja, do pensamento lógico, que obtemos nossa proteção ante aos perigos, inimigos e incertezas (mitos, mentiras, arte, ficção), mas é também daí que obtemos a morte e a mumificação da vida.

Apesar de ser o abrigo protetor, o pensamento lógico não dá conta da essência dos objetos ou “*da coisa enquanto tal*”:

A gênese da linguagem não segue em todos os casos uma via lógica, e o conjunto de materiais que é, por conseguinte, aquilo sobre o que e com a ajuda de quem o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo, trabalha e constrói, se não provém de Sírius, jamais provém em todo caso da essência das coisas¹².

Toda palavra se compõe num conceito, não por considerar a experiência singular que lhe constitui, mas pela agregação do desigual. Nietzsche distingue com muita propriedade o caráter do semelhante e do igual que foram os precursores da lógica. Nascendo da postulação

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*, pág 11.

¹² Idem.

da identidade do não-idêntico, a lógica desconsidera as características particulares dos objetos a serem supostamente conhecidos:

Assim como é evidente que uma folha não é nunca completamente idêntica à outra, é também bastante evidente que o conceito de folha foi formado a partir do abandono arbitrário destas características particulares e do esquecimento daquilo que diferencia um objeto de outro¹³.

A lógica tradicional é aquela que atribui aos conceitos dos objetos uma essência, é aquela que introjeta a noção de que há na natureza um modelo primordial do qual todos os outros exemplares são meras cópias, resíduos semelhantes. Descartam-se o particular, as diferenças singulares e o único, para que se valide universalmente uma característica, um objeto, uma ação. Afinal de contas, não é no pensamento lógico que se baseia articulação racional de elementos homogêneos?

O *conceito*, bem entendido, é composto pelas nossas arquiteturas do *saber* e do esquecimento. A redução, ao extremo, das diferenças, o apagar de toda marca e de todo signo, a hipertrofia do único em prol da suprema igualdade – isso é o *conceito*, esse é o pensamento lógico. Ainda que tais arquiteturas funcionem como um aparato de conservação e proteção, ainda que sejam âncoras para a fraqueza, a rigidez da conservação é o preço da vida. Ou seja: a conservação tem um preço: a separação entre conhecimento e vida:

Foi somente o esquecimento desse mundo primitivo das metáforas, foi apenas a cristalização e a esclerose de um mar de imagens que surgiu originariamente como uma torrente escaldante da capacidade original da imaginação humana, foi unicamente a crença invencível em que este sol, esta janela, esta mesa são verdades em si, em suma, foi exclusivamente pelo fato de que o homem esqueceu que ele próprio é um sujeito e certamente um sujeito atuante criador e artista, foi isto que lhe permitiu viver beneficiado com alguma paz, com alguma segurança e com alguma lógica¹⁴.

É por isso que, para Nietzsche, nos parece que o pensamento lógico é o sepulcro das potências vitais. Toda força de conservação é necessária, mas é reativa. O que parecia refúgio e segurança, sob a máscara de um conhecimento lógico revela-se, agora, como um vazio. Os nossos edifícios conceituais calculadamente planejados pela lógica, seduzidos pela reconfortante abstração, ruíram, desmoronaram e soterraram a vida restante. Essa estabilidade ilusória a que se propõe o pensamento lógico, essa busca por uma pureza, por uma verdade única, universal e inflexível visam a camuflar o *vir-a-ser*.

¹³ Idem, pág 13.

¹⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*, pág 15.

É sob o pretexto de fornecer segurança ao homem que tais arquiteturas do saber afundam e ancoram o homem e a vida. Trata-se de uma vida que tem medo da vida. Nietzsche não descarta esse caráter de proteção a que o pensamento lógico se propõe; afinal, se a vida não dispusesse desse repertório securitário, talvez não suportasse sua própria embriaguez dionisíaca. Mas há nessas arquiteturas certa renúncia aos sentidos, e é a isso que se dirige a crítica nietzschiana:

Enquanto ser racional [o homem], deve agora submeter seu comportamento ao poder das abstrações; não suporta mais ser levado pelas impressões súbitas e pelas intuições, mas generaliza em primeiro lugar todas as impressões em conceitos mais frios e mais exangües, a fim de atrelar neles a condução da sua vida e do seu agir¹⁵.

Em Nietzsche, há clara oposição entre o mundo intuitivo e o mundo lógico:

(...) edificar uma pirâmide lógica ordenada segundo divisões e graus, instaurar um novo mundo de leis, privilégios, subordinações e delimitações, que se opõe desde logo ao outro mundo, o mundo intuitivo das primeiras impressões, como sendo aquele melhor estabelecido, mais geral, melhor conhecido, mais humano e, por esta razão, como uma instância reguladora e imperativa. Enquanto toda metáfora da intuição é particular e sem igual, escapando sempre portanto à qualquer classificação, o grande edifício dos conceitos apresenta a estrita regularidade de um columbário romano, edifício de onde emana aquele rigor e frieza da lógica que são próprios das matemáticas¹⁶.

Uma vez que a essência das coisas não se manifesta no mundo empírico, mas tão somente no universo estético, Nietzsche identifica que as falhas do pensamento lógico (o idealismo, a abstração, a universalidade e a infalibilidade de leis) conduzem o homem não ao regado, ao verdadeiro, ao correto, mas ao aprisionamento. O preço dessa prisão é a vida e a multiplicidade da vida. É o que podemos observar quando imersos no perspectivismo nietzschiano:

(...) se tivéssemos em cada parte nossa uma percepção sensível de natureza diferente, poderíamos perceber ora como um pássaro, ora como um verme de terra, ora como uma planta; ou, se um de nós percebesse uma excitação visual como vermelha, se outro a percebesse como azul ou se, para um terceiro, fosse uma excitação auditiva, ninguém diria que a natureza é regida por leis, mas contrariamente a conceberíamos somente como uma construção altamente subjetiva¹⁷.

O preço que se paga pela segurança do lógico, pela conservação da vida em função de um conjunto de regras, leis, princípios e ordem absolutamente humanos – e não naturais

¹⁵ Idem, pág 13.

¹⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira no sentido extra-moral*, pág 14.

¹⁷ Idem, pág 17.

com haveria de se supor – ocorre em detrimento, justamente, do que é humano. O único método concebido por Nietzsche é o da auto-observação. Relembrando Píndaro ele proclama: “*Torna-te o que tu és*”, no intuito de sugerir uma viagem histórica que desterre o sujeito de seu próprio solo. Não se trata de reencontro, de buscar uma identidade, mas de uma arte: a arte de viajar e transmutar o “*eu*” em “*vir-a-ser*”. O conhecimento de si se torna o conhecimento de tudo. Essa revisitação, essa experimentação de si se torna um “*eu descolado de si*”, reinventado, numa ascese filosófica que tende ao perspectivismo. Essa viagem é um abalo terrível, um veneno mortal ao animal gregário. Aquele que não se agrega a nenhuma identidade previamente idealizada, sólida e constante: esse é o inventor de si mesmo.

Para *se tornar o que é* precisamos abandonar os velhos modelos, os paradigmas da homogeneidade, superarmo-nos e lançarmo-nos nos tempestuosos mares de nossas existências para esculpir nossas próprias imagens e ondas. É preciso unir novamente o apolíneo ao dionisíaco.

Há um apelo do homem comum à gregariedade e à permanência, como se o imutável fosse mais seguro que o dinâmico. O animal humano deseja a permanência porque teria uma tendência a querer dominar o tempo e o mundo – tendência que mais tarde Nietzsche apelidará de “*Der Wille zur Macht*”, ou, Vontade de potência (nas traduções brasileiras).

Ora, os conceitos não são esferas maciças sob as quais ressoa o imutável universal. Eles vieram a ser, estão em pleno devir. O problema é que certos conceitos estão impregnados de uma carga histórica, lógica e metafísica enorme. “*O ser*”, “*o absoluto*”, “*a coisa*”, “*a identidade*”, no fundo, são apenas invenções metafísicas que contradizem o mundo do devir. *O ser enquanto tal*, não existe. Há apenas uma definição do ser como lógico (logicidade do ser), ou seja, há uma fé na potência da lógica - conseqüência direta da fé metafísica na identidade do ser. *O ser enquanto tal* é uma ficção metafísica que o pressupõe retomado como permanência substancial e suscetível de certa inteligibilidade: é uma tentativa de compreender o mundo sob o esquema da construção e arquitetura humanas.

Em contrapartida, não há uma pregação da desordem. Mesmo que Nietzsche pareça criticar a ordem, a clareza e o método como signos falsos da realidade, não seria correto afirmar que o filósofo é adepto da anarquia ou da agitação. O que Nietzsche parece criticar é que por preconceito moral o homem privilegia a ordem e despreza o imprevisível, por mera temeridade e segurança. Tal segurança baseada no privilégio da ordem, não é apenas uma tentativa de dominar o tempo, mas um reflexo, no plano ontológico, da moralidade social.

Um sistema conceitual bem organizado nos oferece previsibilidade e segurança e, em face desse desejo de imutabilidade, o homem se agrega moral e socialmente, destituindo-se de si e da vida. Questiona-se: nesse sentido, a lógica é necessária?

DA UTILIDADE E DOS AFORISMOS

Parece-nos que somente na medida de sua utilidade: social e moral. Àqueles que desprezam tais utilidades, a lógica não é sequer lógica. Tendo toda essa trajetória em mente, é imperativo que coloquemos o pensamento em direção aos aforismos 108, 111, 112, 125 e 341 da *A Gaia Ciência*.

O aforismo 108 nos remete à célebre e conhecida frase nietzschiana: “*Deus morreu*”. Nesse pequeno relato, Nietzsche nos convoca a lutar contra as forças sombrias de um deus morto. Ora, tais forças sombrias não são outras senão as da fé na lógica e na metafísica. Deus morreu: não há essência, determinismo ou permanência. Como sobreviver a essa solitária afirmação? Para não sucumbir ante esta *verdade*, o homem se afugentou nas aparências e criou seus sistemas morais, seu aparato bélico, lógico e religioso, na inocente expectativa de conservar a vida.

Sócrates morreu. Um conjunto de crenças e idealismos desabou. É chegado o tempo do niilismo. Mas, antes, é preciso que nos defendamos dos resíduos divinos da lógica e da metafísica. Essa é a pedagogia nietzschiana.

No aforismo 109, Nietzsche nos impele para a defesa. O universo “*não fora logicamente construído com um objetivo*”¹⁸ e o caráter do mundo é o do “*caos eterno, não pelo fato da ausência de uma necessidade, mas pela ausência de uma ordem, de encadeamento, de forma, de beleza, de sabedoria e de toda a estética humana.*”¹⁹ É o próprio Nietzsche que nos ensina que o universo não possui juízos estéticos e morais, demasiadamente humanos; tampouco qualquer instinto de conservação, elementos imutáveis e leis. Sem mestre, criador ou coordenador, o mundo se abre para o humano que o desdenha e enfeita logicamente. Esses adornos humanos, esses “*artigos de fé*”²⁰ é que constituem as sombras divinas da natureza, cujo objetivo parece ser unicamente o de conservar a espécie.

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, pág 105.

¹⁹ Idem, pág 106.

²⁰ Idem.

É quase que um *processo evolutivo*. No aforismo 111, Nietzsche nos encaminha para a conclusão de que aquele que trata o semelhante por igual (procedimento lógico) teria maior possibilidade de duração, de vida. No Fédon platônico observamos com maior destreza esse argumento que Nietzsche encara como “*ilógico*”, uma vez que não há duas coisas iguais. E essa seria precisamente a base da lógica: tratar o semelhante como se igual fosse. Desprezando e dispensando o caráter mutável das coisas mundanas, o lógico se insere na proteção da conservação, da duração, da garantia imutável.

Em contrapartida, aquele que se lançasse ao movimento, às “*flutuações*”²¹, traria consigo um perigo mortal para a existência: o irracional, o dionisíaco, o corpo em todo o seu conjunto sensorial. Nas palavras do próprio Nietzsche: “*Nenhum ser teria conservado a vida, se a inclinação oposta, a inclinação para afirmar antes de suspender o juízo, a enganar-se e a ‘fantasiar’ antes de aguardar, a julgar antes de ser justo, não tivesse se desenvolvido extraordinariamente.*”²²

Dessa forma, compreendemos que o pensamento nos é disposto por um processo cerebral agônico entre duas forças distintas das quais conhecemos apenas o resultado. Essa tensão entre racional e irracional é o que nos constitui, de modo que, para o homem existir plenamente, é preciso que o irracional não seja descartado ou excluído, e o lógico desdenha o irracional. O lógico, em Nietzsche, é anti-humano, é reativo, ainda que, de início, tenha nos servido como uma fonte protetora.

O que a ciência e a metafísica fazem é tentar descrever e explicar um mundo que não pode ser descrito ou explicado. Sob a aparente *verdade* da lógica, o homem se põe a trabalhar nas considerações de causa e efeito dos fenômenos, em investigar deduções e sucessões, esquecendo-se novamente do distintivo, do peculiar, do que há por detrás do véu. Narrar sucessões e descrever fenômenos não é compreender. Mas, como poderia haver compreensão, quando, na lógica tudo é abstração? “*Só operamos com coisas que não existem, linhas, superfícies, corpos, átomos, tempos divisíveis; como havia de existir sequer a possibilidade de explicar se começamos por fazer de qualquer coisa uma imagem, a nossa imagem!*”²³

É nesse sentido que Nietzsche irá concluir que o procedimento lógico que envolve as ciências, e a própria metafísica, não passam de antropomorfização do mundo. São meios e instrumentos que supostamente revelariam o conhecimento, mas que não são mais que

²¹ Idem, pág 109.

²² Idem.

²³ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*, pág 110.

linguagem humana. Para Nietzsche, parece-nos que o idealismo não passa de uma tradução, em linguagem racional, da necessidade religiosa, tal qual ela se enraizou pelo cristianismo. É dessa maneira que a metafísica se alinha à teologia, pois é o mesmo tipo de homem que defende ambas as perspectivas.

Nesse sentido, deus não passaria da personificação de uma aspiração à uma harmonia preestabelecida, à semelhança do homem. A questão é que mesmo quando se descarta a figura divina, a fé permanece ou na razão, ou na verdade, ou na crença, etc. E o niilismo, que despontava já no final do século XIX, era recebido por Nietzsche como uma oposição aos valores tradicionais e metafísicos outrora expostos.

Ainda, a imposição da dualidade causa-efeito não é mais que um *continuum*; portanto, não há se falar em condicionantes. Um pensamento que se propusesse como tipicamente humano (e não como reativo e lógico) teria de fazer ressuscitar as faculdades artísticas, de modo que o homem não se reduzisse a mero sujeito conhecedor, mas também a sujeito artístico, criador.

Para a maior parte dos intérpretes nietzschianos, deus não faz referência a uma instância religiosa, mas a uma determinada ontologia moralizadora. Ao cair tal ontologia, toda uma escala de valores cai, todo um sistema de dominação ruí: é o tempo do niilismo. Para superá-lo seria preciso afirmar-se, não por meio de um sistema *melhor* ou *superior*, mas por meio das forças ativas da criação e da invenção. Trata-se de negação ativa.

CONCLUSÃO

Parece-nos que *eterno-retorno* retratado no aforismo 341 da *Gaia Ciência* é o símbolo e a representação da afirmação da vida por excelência. Uma ética que se baseasse numa aceitação total da vida, da vida em toda a sua magnitude e em todo o seu sofrimento, seria aquela própria e digna do ser humano. Alguém que vivesse como que se suas ações procedessem infinita e eternamente, como se cada ação retornasse, cada sofrimento, cada desespero, mas também cada sorriso e saciedade; alguém que aceitasse a vida no que há de mais belo e trágico, esse é o herói de si, esse é o *Übermensch*.

As sombras divinas ecoam ainda pelo corredor da vida, e enquanto houver aqueles que priorizam *A Verdade* como a *pura* sabedoria, como a *superior* beatitude, tanto mais sombras haverá. Enquanto o lógico e o metafísico forem tidos como norma e condição vital,

a aranha humana continuará presa e enforcada em sua própria teia. É para conservamo-nos que nos auto-enganamos, mas é chegado o tempo do reconhecimento das tensões pulsantes da vida. É chegado o tempo da atividade; de não mais separar o conhecimento da vida, mas uní-los no que há de mais humano: na arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. São Paulo: Forense Universitária, Vol I, 2007.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O nascimento da tragédia*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

_____. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Rio de Janeiro: Comum, 2006.

SAFRANSKI, R. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. São Paulo: Geração editorial, 2002.